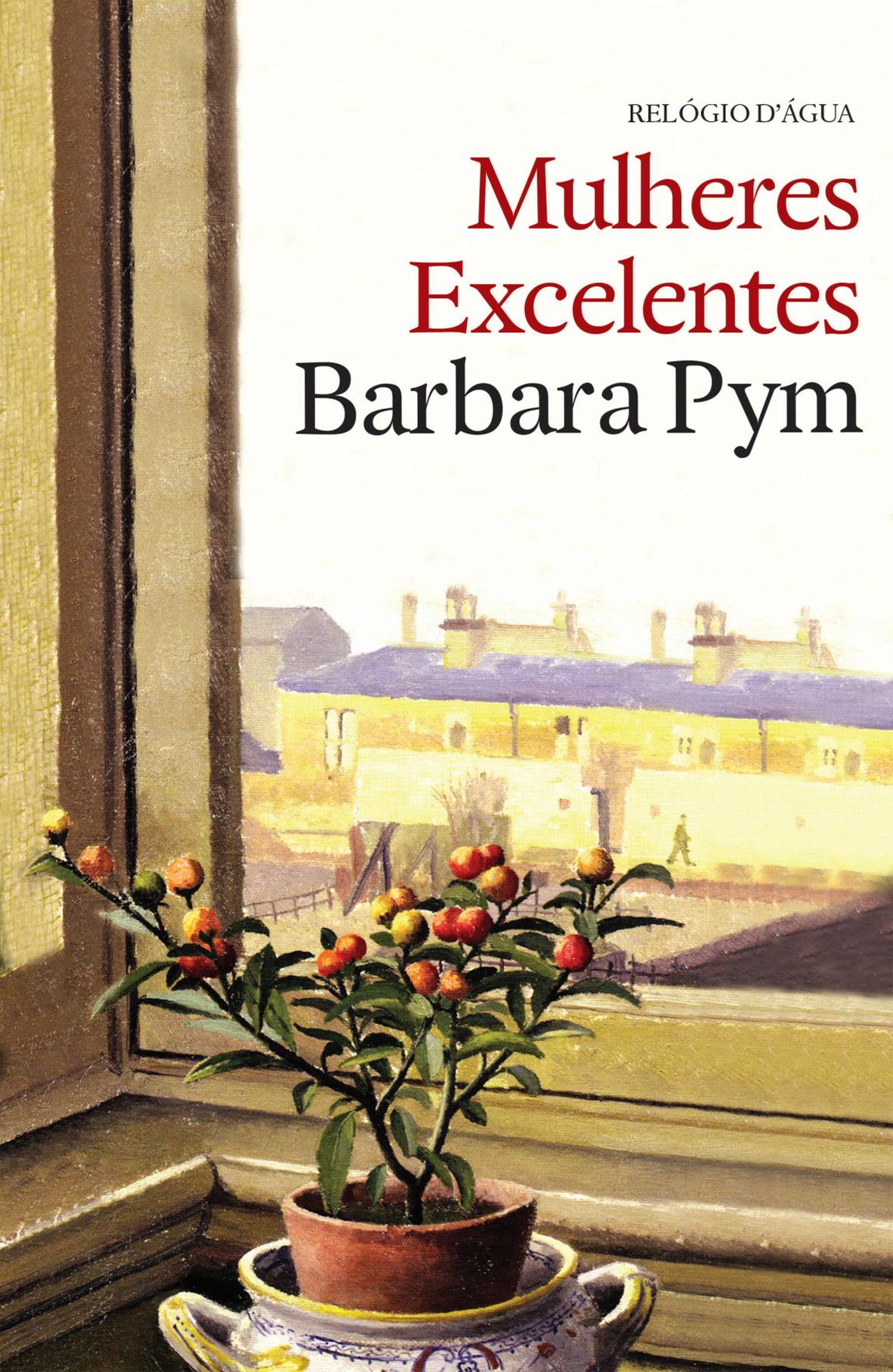


RELÓGIO D'ÁGUA

Mulheres Excelentes Barbara Pym



Relógio D'Água Editores
Rua Sylvio Rebelo, n.º 15
1000-282 Lisboa
tel.: 218 474 450
fax: 218 470 775
relogiodagua@relogiodagua.pt
www.relogiodagua.pt

Copyright © Barbara Pym 1952

Título: Mulheres Excelentes
Título original: *Excellent Women* (1952)
Autora: Barbara Pym
Tradução: Vasco Gato
Revisão de texto: Vanessa Domingos
Capa: Carlos César Vasconcelos (www.cvasconcelos.com)

© Relógio D'Água Editores, Novembro de 2017

Encomende os seus livros em:
www.relogiodagua.pt

ISBN 978-989-641-812-0

Composição e paginação: Relógio D'Água Editores
Impressão: Guide Artes Gráficas, Lda.
Depósito Legal n.º 434791/17

Barbara Pym

Mulheres Excelentes

Tradução de
Vasco Gato

Ficções

PRIMEIRO CAPÍTULO

— Ah, as senhoras! Estão sempre presentes quando algo acontece!
— A voz pertencia ao senhor Mallett, um dos nossos fabriqueiros, e o seu tom malicioso causou-me um sobressalto de culpa, quase como se não tivesse o direito de ser descoberta à porta de minha casa.

— Gente nova a mudar-se? A presença de uma carrinha de mudanças parece indicar isso mesmo — prosseguiu ele de forma pomposa. — Estou a contar com que *você* saiba.

— Pois, enfim, costuma acontecer — disse eu, sentindo-me um pouco irritada com a sua suposição. — É difícil não se saber coisas deste género.

Julgo que qualquer mulher solteira de trinta e poucos anos, que viva sozinha e não tenha ligações aparentes, deva esperar achar-se envolvida ou interessada na vida dos outros e, sendo também filha de um sacerdote, então poderíamos de facto dizer que não há esperança no seu caso.

— Enfim, *tempus fugit*, como diz o poeta — gritou o senhor Mallett ao acelerar o passo.

Embora não pudesse senão concordar que sim, fugia, mandriei o suficiente para ver os homens das mudanças a pousarem um par de cadeiras no passeio e, ao subir as escadas para o meu apartamento, ouvi os passos de alguém nas divisões vazias debaixo de mim, de um lado para o outro sobre as tábuas nuas, decidindo a localização de cada móvel.

É a senhora Napier, pensei, pois reparara numa carta dirigida a alguém com esse nome, assinalada com um «A Aguardar a Chega-

da». Porém, agora que ela se materializara, eu sentia perversamente que não me apetecia vê-la, daí que tenha rumado depressa às minhas próprias assoalhadas e tenha começado a arrumar a cozinha.

Cruzei-me com ela pela primeira vez junto das latas do lixo, nessa mesma tarde. As latas do lixo ficavam na cave e eram partilhadas por todos os que viviam na casa. No piso térreo havia escritórios e, por cima, dois apartamentos, não propriamente independentes e sem todas as comodidades. «Tenho de partilhar uma casa de banho», murmurara eu bastas vezes, quase com vergonha, como se tivesse sido considerada indigna de uma casa de banho própria.

Debrucei-me sobre a lata e raspei umas folhas de chá e umas cascas de batata do fundo do meu balde. Fiquei atrapalhada por nos conhecermos desta maneira. Tencionara convidar a senhora Napier para tomar café numa destas noites. Teria sido uma ocasião atenciosa e civilizada, com as minhas melhores chávenas de café e biscoitos, em pratinhos de prata. E, de repente, eis-me ali desastrosamente com a minha roupa mais velha, de balde e cestos de papéis na mão.

A senhora Napier foi a primeira a falar.

— Deve ser Miss Lathbury — disse abruptamente. — Reparei no seu nome ao lado de uma das campainhas.

— Sim, vivo no apartamento por cima do seu. Espero que esteja a instalar-se com todo o conforto. As mudanças são cá uma trabalhadeira, não são? Parece demorar imenso tempo até termos tudo no sítio. Perdemos sempre coisas fundamentais como uma chaleira ou uma frigideira... — As banalidades fluíam facilmente da minha boca, talvez porque, com a minha experiência paroquial, me sei capaz de lidar com a maioria das situações mais comuns ou até com os grandes momentos da vida: o nascimento, o casamento, a morte, um bazar de caridade coroado de êxito, a festa de jardim estragada pelo mau tempo... «A Mildred ajuda tanto o pai», costumavam dizer após o falecimento da minha mãe.

— Será agradável ter mais alguém na casa — atirei, já que eu e a minha amiga Dora Caldicote tínhamos sido as únicas ocupantes durante o último ano da guerra, tendo eu ficado bastante sozinha no último mês após a partida da Dora para ocupar uma vaga de professora no campo.

— Enfim, acho que não estarei muito tempo por casa — disse rapidamente a senhora Napier.

— Ah, claro — disse eu, recuando. — Eu também não. Na realidade, passava imenso tempo em casa, embora compreendesse a sua relutância em comprometer-se com algo que pudesse vir a tornar-se uma maçada ou uma prisão. Éramos, assim à primeira vista, um par deveras improvável para encetar uma amizade. Ela tinha cabelo claro e era bonita, vestia de modo jovial umas calças de bombazina e uma camisola clara, ao passo que eu, apagada e como que modesta, chamava a atenção para estas qualidades através da deselegante bata e da velha saia fulva. Permitam que me apresse a acrescentar que não sou de todo como Jane Eyre, que terá dado esperanças a tantas mulheres modestas que contam a sua história na primeira pessoa, nem nunca me considere parecida com ela.

— O meu marido sairá em breve da marinha — disse a senhora Napier, quase num tom de advertência. — Estou só a preparar a casa.

— Ah, compreendo. — Pus-me a pensar o que poderia ter trazido um oficial da marinha e a sua mulher para esta zona pobre de Londres, tão terrivelmente do lado «errado» de Victoria Station, tão definitivamente *não* Belgravia, pela qual eu nutria um carinho sentimental, mas que não costumava atrair pessoas com a aparência da senhora Napier. — Julgo que continuará a ser bastante difícil encontrar um apartamento — prossegui, levada pela curiosidade. — Estou aqui há dois anos e nessa altura era muito mais fácil.

— Sim, foi uma trabalhadeira e isto aqui não é propriamente aquilo que pretendíamos. Não me agrada nada a ideia de partilhar uma casa de banho — disse ela sem cerimónia — e não sei o que dirá o Rockingham.

Rockingham! Agarrei-me àquele nome como se fosse uma jóia preciosa que estivesse na lata do lixo. O senhor Napier chamava-se Rockingham! Como odiaria o portador de tal nome a partilha de uma casa de banho! Apressei-me a desculpar-me. — De manhã sou sempre *muito* rápida e ao domingo costumo levantar-me cedo para ir à igreja — disse.

Ela sorriu perante a informação e depois pareceu sentir-se obrigada a acrescentar que naturalmente ir à igreja não lhe dizia nada.

Subimos em silêncio com os nossos baldes e cestos de papéis. A oportunidade de «dar uma palavrinha», algo que o nosso pastor sempre nos instigava a fazer, apresentou-se e esfumou-se. Chegáramos ao seu apartamento e, para minha grande surpresa, ela perguntou-me se eu gostaria de tomar um chá consigo.

Não sei se as solteironas são de facto mais indiscretas do que as casadas, embora ache que são tidas como tal por causa do vazio das suas vidas, mas dificilmente conseguiria admitir perante a senhora Napier que a dada altura da tarde arranjava maneira de ir varrer o meu lanço de escadas para poder espreitar entre os balaústres e observar a chegada da sua mobília. Eu, que reparara que ela possuía algumas coisas de qualidade — uma secretária de nogueira, uma arca de carvalho trabalhado e um conjunto de cadeiras Chippendale —, apercebi-me ao segui-la até à sala de estar de que também possuía alguns pequenos objectos interessantes, pisa-papéis e globos de neve vitorianos, muito à semelhança dos que eu tinha lá em cima na prateleira da lareira.

— São do Rockingham — disse ela, enquanto eu os admirava.
— Colecciona objectos vitorianos.

— Mal tive necessidade de os coleccionar — disse eu. — A minha antiga casa era uma reitoria e estava cheia de objectos assim. Foi complicadíssimo perceber o que guardar e o que vender.

— Suponho que seria uma grande reitoria rural e pouco prática, com passagens de pedra, candeeiros a petróleo e demasiadas divisões — disse ela de repente. — Por vezes temos saudades de coisas dessas. Embora odiasse viver num sítio assim.

— Sim, era assim — disse eu —, mas era bastante agradável. Às vezes sinto-me aqui um pouco apertada.

— Mas tem mais divisões do que nós, não tem?

— Sim, tenho também um sótão, mas as divisões são bastante pequenas.

— E temos a tal casa de banho partilhada — murmurou ela.

— Os primeiros cristãos tinham tudo em comum — lembrei-a.
— Dê graças por termos cada uma a sua cozinha.

— Sim, meu Deus! Iria odiar partilhar uma cozinha comigo. Sou uma grande desmazelada — disse ela, quase com orgulho.

Enquanto ela preparava o chá, entretive-me a espreitar os seus livros, que jaziam amontoados no chão. Muitos deles pareciam ser de um teor obscuro e científico, havendo também uma pilha de publicações de capa verde que apresentavam o título um pouco austero e surpreendente de *Homem*. Fiquei a pensar sobre o que seriam.

— Espero que não se importe de beber chá em caneca — disse ela, aparecendo com um tabuleiro. — Disse-lhe que era desmazelada.

— Não, claro que não — disse eu como qualquer pessoa diria, enquanto pensava que o mais provável seria Rockingham não gostar nada de chá em caneca.

— O Rockingham é quem cozinha quase tudo quando estamos juntos — disse ela. — Ando demasiado ocupada, na verdade, para fazer grande coisa.

As mulheres não deveriam andar demasiado ocupadas para cozinharem para os seus maridos, pois não?, pensei com espanto, retirando um grosso naco de pão com doce do prato estendido. Mas talvez, dado o seu amor por coisas vitorianas, Rockingham também apreciasse cozinhar, pois eu reparara que os homens não costumavam fazer o que quer que fosse, a menos que gostassem. — Foi algo que a marinha lhe ensinou? — aventei.

— Ah, não, sempre foi bom cozinheiro. A marinha não lhe ensinou nada, na verdade. — Soltou um suspiro. — É ajudante de campo de um almirante em Itália e nos últimos dezoito meses tem estado a viver numa casa de campo luxuosa com vista para o Mediterrâneo, enquanto eu calcorreava África.

— *África?* — repeti, atónita. Seria ela uma missionária, afinal? Parecia bastante improvável e de repente lembrei-me de que ela dissera que nunca ia à igreja.

— Sim, sou antropóloga — explicou.

— Ah. — Fiquei calada de pasmo, e também porque não sabia ao certo o que era um antropólogo, nem me lembrei de nenhum comentário inteligente para fazer.

— O Rockingham não tem tido muito que fazer para lá de ser encantador para uma série de aborrecidas funcionárias da marinha com fardas brancas que não lhes assentam bem, tanto quanto me é dado a perceber.

— Ah, com certeza que... — ia para objectar, para logo concluir que aquele seria, afinal, um trabalho que valeria a pena fazer. Os sacerdotes costumavam ter jeito para isso mesmo; aliás, eram tantas as paroquianas que vestiam roupas sem graça e mal-amanhadas que já lhes era quase natural. Não me dera conta de que poderia contar-se entre os talentos dos oficiais da marinha.

— Agora preciso de redigir os meus apontamentos de campo — prosseguiu a senhora Napier.

— Ah, claro. Que interessante...

— Enfim... — levantando-se, pousou a sua caneca no tabuleiro. Senti que estavam a mandar-me embora.

— Obrigada pelo chá — disse. — Venha visitar-me quando estiver instalada. Se houver algo em que possa ser útil, não hesite.

— De momento não há nada, obrigada — disse ela —, embora possa vir a haver.

Nesse instante, as palavras não me deram que pensar. Não parecia na altura que as nossas vidas pudessem a dado momento vir a tocar-se para lá de um encontro fortuito nas escadas e, obviamente, da partilha de uma casa de banho.

Esta última ideia ter-lhe-á passado pela cabeça também, pois quando ia a meio das escadas para o meu apartamento ela berrou: — Acho que devo ter andado a usar o seu papel higiénico. Vou tentar não me esquecer de arranjar mais quando terminar.

— Ah, não faz mal nenhum — berrei também, um pouco atrapalhada. Venho de um meio que não aborda esses assuntos aos gritos, embora tivesse a esperança de que ela não se esquecesse. O fardo de ter de manter três pessoas com papel higiénico parecia-me um pouco pesado.

Quando cheguei à minha sala de estar, reparei, para minha surpresa, que eram quase seis da tarde. Deveríamos ter estado mais de uma hora à conversa. Concluí que não apreciava lá muito a senhora Napier, começando então a repreender-me pela falta de caridade cristã. Porém, será que temos sempre de gostar de todas as pessoas?, perguntei-me. É possível que não, embora não devamos julgá-las até as conhecermos um pouco para lá da uma hora. Aliás, não nos cabia sequer julgar. Conseguia ouvir o padre Malory a dizer algo

assim num sermão e foi nesse instante que o relógio de Santa Maria começou a bater as seis horas.

Via a custo, por entre as árvores, o pináculo da igreja na praça. Agora que estavam desfolhadas, o pináculo parecia bonito, erguendo-se no meio das fachadas de estuque descascado das casas, pontiagudo, de um gótico vitoriano, com um interior medonho, diria, embora queridíssimo para mim.

Havia duas igrejas no bairro, mas eu optara pela de Santa Maria, em vez da de Todos os Fiéis, não só por ser mais próxima, mas por ser «Alta». Receio que o coitado do meu pai e a minha mãe jamais o aprovariam e conseguia imaginar a minha mãe, de lábios comprimidos, a abanar a cabeça e a ciciar num sussurro assustado: «*Incenso.*» Mas talvez seja simplesmente natural que me apetecesse revoltar-me contra a educação recebida, ainda que de um modo tão inofensivo. Experimentei a Igreja de Todos os Fiéis; aliás, fui lá dois domingos, mas ao regressar à de Santa Maria o padre Malory travou-me certa manhã após a missa e confessou-me a alegria que era voltar a ver-me. Ele e a irmã tinham ficado numa enorme preocupação; temiam que talvez tivesse adoecido. Depois disso, não voltei a abandonar a Igreja de Santa Maria, tornando-se Julian Malory e a sua irmã Winifred meus amigos.

Pensava por vezes na estranheza de ter conseguido fazer vida em Londres de uma forma tão parecida com a vida que tivera numa reitoria rural quando os meus pais eram vivos. Ao mesmo tempo, são tantas as zonas de Londres que possuem um ambiente particularmente aldeão ou paroquial que talvez seja apenas questão de escolhermos a nossa paróquia e integrarmo-nos nela. Aquando do falecimento dos meus pais, separados por dois anos, vi-me com um pequeno rendimento próprio, uma variedade de mobiliário, mas nenhuma casa. Foi então que uni esforços com Dora Caldicote, a minha antiga colega de escola, e enquanto ela dava aulas eu trabalhava para a Censura, para a qual, felicissimamente, não pareciam ser necessárias elevadas habilitações, para lá da paciência, da discrição e de uma ligeira tendência para a excentricidade. Com a partida de Dora, ansiava por ficar sozinha novamente, levar uma vida civilizada com um quarto e uma sala de estar e um quarto de hóspedes para os amigos. Não possuo o temperamento de Dora, que a faz

apreciar dormir numa cama de campismo e comer de pratos de plástico. Sentia que tinha já idade suficiente para me tornar picuinhas e solteirona se me apetecesse. Trabalhava a tempo parcial numa organização de auxílio a damas empobrecidas, uma causa que trazia no fundo do coração, pois sentia-me o tipo de pessoa que um dia poderia vir a ser uma dessas damas. Obviamente, a senhora Napier, com as suas calças garridas e a sua antropologia, jamais o seria.

Pensava nela no momento em que troquei de roupa para ir jantar ao vicariato, dando graças pela minha indumentária respeitável quando me cruzei com ela nas escadas na companhia de um homem alto e belo.

— Vais ter de beber gim de uma caneca — ouvi-a a dizer. — Ainda não desencaixotei os copos.

— Não tem importância — respondeu ele com certa severidade, como se tivesse enorme importância. — Ainda não terás arrumado tudo.

Pareceu-me que não seria Rockingham; não, dificilmente poderia ser quando ele se encontrava em Itália a ser encantador para as funcionárias da marinha. Porventura um colega antropólogo? O sino de Santa Maria começou a tocar para as vésperas e apercebi-me de que não me dizia respeito quem ele era. Sendo demasiado cedo para ir para o vicariato, fui apressadamente até à igreja e ocupei o meu lugar a par da meia dúzia de mulheres de meia-idade e mais velhas, que formavam a congregação da tarde, em dias de semana. Winifred Malory, atrasada como sempre, apareceu, sentou-se ao meu lado e segredou-me que alguém enviara um donativo considerável, generosíssimo, para as despesas com a reparação da janela ocidental que tinha sido danificada por uma bomba. Um donativo *anónimo*: não era entusiasmante? Julian falar-me-ia do assunto ao jantar.